

---

## SEQÜÊNCIAS INSERIDAS NA CONVERSAÇÃO: RELEVÂNCIA E COERÊNCIA\*

---

Carlos Alexandre V. Gonçalves (UFRJ)\*\*

---

### RESUMO:

Abordagem pragmático-conversacional do fenômeno da “seqüenciação inserida” (digressão) no discurso oral dialogado: seu papel na organização tópica do discurso e a natureza de sua tipologia, com base em Dascal & Katriel (1982). Relação entre digressão e coerência conversacional. Análise dos marcadores característicos desse tipo de evento comunicativo.

---

### 0. Preliminares

Neste artigo, analiso as digressões no discurso oral dialogado e verifico até que ponto elas desempenham papel relevante na construção da coerência da conversação. Desta forma, procuro refutar a hipótese de Halber (1989), segundo a qual essas “seqüências inseridas”, nos termos de Schegloff (1979), tornam o texto dialogado incoerente. Outro ponto a ser focado no artigo diz respeito ao levantamento dos marcadores típicos de um tópico digressivo. Busco verificar quais as funções que esses “elementos prefaciais” (Marcuschi, 1986) desempenham na construção da coerência do texto conversacional.

Para discutir o efeito das digressões na conversação, tomo como *corpora* de análise os inquéritos do projeto NURC do Rio de Janeiro, tanto os que envolvem interação entre informante e documentador (Callou & Lopes, 1993), quanto os diálogos entre dois informantes (Callou & Lopes, 1994). Os dados do projeto NURC/RJ serão utilizados, a fim de se mostrar

---

\* Versão revista e ampliada da comunicação de mesmo título apresentada durante as atividades do I Seminário de Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em maio de 1994.

\*\* Doutor em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da mesma instituição.

como as digressões modificam as seqüências de turnos que servem para a organização local da conversação, os chamados pares adjacentes.

O principal referencial teórico do trabalho será o artigo *Digressions: a study in conversational coherence* (cf. Dascal & Katriel, 1982). Com base em Dascal & Katriel (op. cit.), procuro verificar que tipos de digressão são freqüentes nos diálogos do projeto NURC/RJ. Tenho com isso o intuito de discutir, mais restritivamente, a taxonomia proposta pelos autores em: (a) digressões baseadas no enunciado; (b) digressões baseadas na interação; (c) seqüências de inserção; e, finalmente, (d) quase-digressões. A fim de analisar os fenômenos pragmáticos presentes nas digressões, tomarei como referencial teórico principalmente os textos de Levinson (1983), Mey (1993) e Green (1992).

O presente artigo está constituído de três seções, além desta introdução e de uma conclusão (seção 4). Será nessas três seções que tratarei especificamente da questão dos tópicos digressivos, a fim de (a) descrever a organização tópica da conversação e o papel das digressões nesse particular; (b) levantar os marcadores de digressões; (c) discutir a tipologia de Dascal & Katriel (1982); (d) observar a relação digressão/relevância, com base em Sperber & Wilson (1985); e, finalmente, (e) concluir se as digressões tornam a conversa incoerente, principal meta do artigo.

## 1. Organização tópica da conversa e fenômenos de inserção

Decorrente de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, o tópico discursivo é freqüentemente definido como *aquilo sobre o que se está falando* (Brown & Yule, 1983:73). Nesse sentido, o tópico discursivo pode ser considerado como um dos principais elementos organizadores do texto oral dialogado, o qual se assenta, mostram Koch et alii (1992:361), *num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos compartilhados entre eles, sua visão de mundo, o "background" de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições*. O tópico discursivo é, portanto, uma questão de conteúdo, ou seja, é o assunto em pauta na conversa e, por isso, está na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes da interação verbal.

No que diz respeito à progressão da conversação, dois fenômenos básicos caracterizam a distribuição dos tópicos na linearidade discursiva: (i) a continuidade e (ii) a descontinuidade. A continuidade, mostram Koch et alii (1992:364), *decorre de uma organização seqüencial dos segmentos tópicos, de forma que a abertura de um somente se dá após o fechamento de outro, procedente*. Diferentemente, a descontinuidade se dá em decorrência de uma perturbação da seqüencialidade linear, uma vez que um novo tópico se introduz antes de outro ter sido esgotado. A introdução desse novo tópico pode causar (a) ruptura ou corte do tópico anterior (mudança de tópico) ou (b) cisão do tópico anterior em partes (através dos chamados fenômenos de inserção).

São freqüentes nos textos conversacionais porções que não se acham topicamente relacionadas nem com o que foi dito anteriormente, nem com o que é dito imediatamente depois. Tais porções são rotuladas, na literatura conversacionalista (cf. Brown & Yule, 1983 e Bernárdez, 1983, entre outros), pelo nome genérico *digressão*.

Dascal & Katriel (1982: 79) mostram que em uma digressão, *o tópico original é abandonado e um novo tópico é introduzido; este, por sua vez, é abandonado e substituído pelo tópico original, que é então, reintroduzido*. Trata-se, assim, de casos de descontinuidade tópica, uma vez que a digressão é sentida como uma *mudança tópica sucessiva* (Levinson, 1983), envolvendo o mesmo tópico. Assim, uma digressão sempre se caracteriza pela substituição de um conjunto de relevâncias tópicas por um outro conjunto diferente. Por esta razão, o que caracteriza um evento digressivo é seu efeito temporário, uma vez que o tópico original é apenas sustado: ele é colocado à margem, enquanto outro, com seu conjunto próprio de relevâncias, assume a posição focal. Desta forma, a digressão funciona como uma espécie de “parênteses” para que o tópico original, suspenso pelo efeito digressivo, retorne depois à posição focal, isto é, seja refocalizado, e permaneça, assim, de todo relevante ao desenrolar da conversação (ou, mesmo, seja esgotado). Veja-se o exemplo a seguir, extraído de Callou & Lopes (1993), de uma entrevista de tipo D.I.D. (Diálogo entre Informante e Documentador):

(01) **Loc.:** é... a escola parece ter um papel fundamental na formação do indivíduo... é ela... ela que cria...cria responsabilidade... né?

**Doc.:** Hum...

**Loc.:** (a propósito... eu lembro que quando eu era pequeno... assim... menorzinho... era um horror sair cedo de casa...eu achava... achava

um saco) mas...realmente a escola é que assegura o bom desenvolvimento intelectual da criança né?

Em (01), o entrevistado suspende o tópico principal em foco ('a escola e a formação do indivíduo') e introduz um evento digressivo (começa a falar de sua infância). Volta, logo a seguir, ao tópico primeiramente enfocado. Observe-se que a digressão realmente funciona como parênteses, sustentando temporariamente o tópico original da conversa. Daí a existência e a importância dos "Bracketing devices"<sup>1</sup> (Levinson, 1983) para introduzir ou para delimitar uma digressão. Desta forma, as digressões, por serem caracterizadas basicamente como seqüências inseridas, fazem com que a realização do par conversacional não seja adjacente, adiando-se por alguns turnos. Portanto, as digressões não devem ser encaradas simplesmente como *seqüências que quebram a coerência da conversação* (Halber, 1989: 6), mas devem ser concebidas como questão de importante relevância teórico-conceptual, uma vez que elas levam a colocar numa nova perspectiva a questão da relevância condicional da primeira parte do par adjacente.

## 2. Em busca de uma tipologia para as digressões

Dascal & Katriel, em texto clássico de 1982, propõem a existência de três tipos básicos de digressões: (a) baseadas no enunciado; (b) seqüências de inserção; e (c) baseadas na interação. É meu objetivo, nesta seção, apresentar, resenhando, e discutir a tipologia proposta por esses autores, exemplificando-a com conversas informais e semi-espontâneas (NURC/RJ).

No primeiro tipo digressões baseadas no enunciado, há algum tipo de relação conteudística entre o enunciado principal e a digressão propriamente dita. Essas relações podem ser basicamente de três naturezas: (i) semântica; (ii) associativa; e (iii) pragmática. Nesse tipo de digressão, aparece uma relação de conteúdo semântico, mostram Dascal & Katriel (1982: 82), *porque cada item léxico carrega consigo um conjunto próprio de relevâncias e a digressão pode vir a recair em cada uma delas, ainda que não sejam focais*. Um item léxico, desta forma, ativa um outro "frame" ao qual a digressão também pertence, mas não partilhado entre a digressão e o contexto precedente. Nesse sentido, um item lexical funciona como "gatilho" (*trigger*) para o aparecimento de uma digressão.

As digressões baseadas no enunciado também são marcadamente de natureza associativa, uma vez que, a partir de um item léxico, de uma construção ou de um enunciado, podem ser estabelecidas relações paradigmáticas com outros elementos por ele evocáveis (“palavra puxa-palavra”, como no ditado popular). Por fim, tais digressões possuem um efeito pragmático, visto que uma digressão pode estar relacionada mais com uma implicatura conversacional (Grice, 1983) que com qualquer detalhe do enunciado propriamente dito. Veja-se o exemplo (02) a seguir:

(02) **Doc.:** e o seu quarto?

**Loc.:** bom... o meu quarto é uma maravilha... no meu quarto tem um banheiro dentro... o que eu acho maravilhoso... um banheiro dentro muito bonitinho... o quarto é todo acarpetado... como é acarpetado a sala... o corredor... o resto do apartamento... tem um armário enorme também... com as portas de madeira... as portas são todas trabalhadas em madeira talhada... beleza... bonitinha (mudando um pouco de assunto você sabe que um dia... um dia a garotinha entrou nesse armário (...))

**Doc.:** é...

**Loc.:** (ela ficou escondida lá e nós ficamos apavorados... é danadinha a menina, né?) bom... mas as portas são todas de madeira talhada... bonitinho... também deixaram as cortinas que são muito bonitas de tafetá cor coral... a colcha da cama combina com a cortina... agora a minha mobília é muito feia porque é da fazenda de meu marido...

Em (02), a digressão é ativada pelo item lexical ‘armário’, o qual faz com que o Locutor se distancie temporariamente do tópico anterior (‘a descrição de seu quarto’). Foi exatamente esse item que favoreceu, à informante, a lembrança de um fato ocorrido com sua filha: ela se escondeu no guarda-roupa deixando a família inteira apavorada). Logo após a ‘side sequence’, a informante retorna ao tópico relevante da conversa, enumerando o mobiliário do cômodo a que se propôs descrever.

Não constitui tarefa simples, entretanto, diferenciar o conjunto de relevâncias principais do conjunto de relevâncias marginais, fazendo referência a Sperber & Wilson (1985). Parece haver, aí, uma questão de grau, pois realmente algumas são mais centrais que outras (cf. Koch, 1990). Dascal & Katriel (1982:83) admitem que há *dificuldade em distinguir as digressões de certos tipos de deslocamentos em direção a relevâncias não-centrais no interior de um mesmo tópico, uma vez que há toda uma série de casos em que certos enunciados, embora relevantes para o*

tópico em desenvolvimento, e mesmo para o assunto central à conversação, são percebidos como um tanto digressivos (Dascal & Katriel, op. cit.: 85). Por essa razão, os autores admitem a existência de seqüências “quase-digressivas”, características de enunciados que introduzem relações de analogia e de generalização, constituindo expansões de tópico não muito necessárias para o seu desenvolvimento, como comprova o exemplo (03) a seguir:

(03) **Doc.:** (risos) não fique inibida...

**Loc.:** a maioria aí... viu... da... da... da... dos jovens são superdotados... dizer... em... em graus diferentes... mas são... não são mais criaturas... como eram no meu tempo... não é? nós éramos... tínhamos uma educação bitolada (ali só tínhamos uma educação com/ completamente falta de comunicação... a informação que nós tínhamos o que era?) ((risos))

**Doc.:** é... ((risos))

**Loc.:** (quer dizer... nós éramos... éramos mais ingênuos... não é?) Mas estão agora essa MASSA de conhecimentos... que vem... à... à criança... porque a criança desde pequenininha.. dois anos... três anos... já se criam... eles já se criam frente à televisão... não é verdade?

Inserções como a exemplificada em (03) são, de fato, sentidas como relacionadas, de alguma forma, com o tópico central e até podem ocupar a posição de tópico principal, caso os enunciados seguintes venham a retomá-las, mas não são partes legítimas do desenvolvimento temático do tópico anterior, na trama da conversação. Em (03), o tópico em desenvolvimento era ‘o namoro na adolescência’. O enunciado digressivo, posto entre parênteses, apesar de relacionado, não faz, necessariamente, parte do tópico em curso: introduz (isto sim) uma relação de analogia, uma vez que confronta a adolescência atual com a vivida pela geração do informante. Este visa, com isso, a concluir, generalizando, que os jovens de hoje são muito mais preparados que os de ontem.

Ao que tudo indica, as quase-digressões referem-se a uma grande variedade de atos de fala corretivos e esclarecedores. Elas ocupam posição intermediária entre as digressões baseadas no enunciado e na interação, porque, como apontam Dascal & Katriel (2982:85), *se, por uma lado, constituem uma resposta imediata, por outro não se dirigem ao ponto do discurso anterior e, portanto, não podem ser consideradas como pertencentes ao tópico central.*

As digressões baseadas no enunciado, ainda na terminologia de Dascal & Katriel (op. cit.) realizam, na interação sócio-discursiva, uma espécie de função meta conversacional, porque podem ser detectadas por uma pausa no fluxo da conversação. Esse tipo de digressão é baseado no ouvinte, uma vez que funciona como resposta a um enunciado anterior não aceito ou não compreendido totalmente, estabelecendo, assim, um hiato no fluxo da conversação. Veja-se o exemplo (04) a seguir. Observe-se que o evento digressivo apresenta um sentido contrastivo, nos termos de Gonçalves (1996), já que o informante coloca em confronto as cidades de Tóquio e Rio de Janeiro, estabelecendo uma comparação entre os *nouveau riche* das grandes sociedades de consumo. Nesse caso, merecem destaque dois fatores suprasegmentais (prosódicos): (a) a pausa longa e (b) a tessitura, marcada pelo “crescendo” (elevação) da voz na pronúncia de todo o enunciado digressivo, como se o falante fornecesse ao ouvinte efetivamente uma pista para que se interprete a sentença como acessória/elementar ao desenrolar da conversação.

(04) **Doc.:** ( ) Como cidade... é... Tóquio que é mais estranha pra gente...

**Loc.:** Tóquio... Tóquio é uma grande cidade... Tóquio é uma grande metrópole... você encontra em Tóquio em matéria de sociedade de consumo... porque inclusive eles são um pouco ‘nouveau-riche’ em matéria de sociedade de consumo... (pausa) (a propósito... você sabe que eu acho que... eh... nós estamos começando a... a ficar... né?)

**Doc.:** é...

**Loc.:** (nós estamos ficando... né?) Mas... voltando... em Tóquio não... a co... cordialidade japonesa e a cozinha... e... e isso é especializante... é uma beleza... se você sai do Centro de Tóquio e começa a andar pelos arredores... você vai ver uma situação muito precária...

As digressões baseadas na interação, último tipo de “sequência inserida” detectado por Dascal & Katriel (op. cit.), não revelam qualquer tipo de relação com elementos do conteúdo do tópico em andamento. Funcionam, na verdade, como digressões contextuais, como chamo, haja vista o fato de serem respostas a uma mudança imposta fora da situação comunicativa, como ruídos e elementos distrativos, por exemplo. Normalmente introduzidas pelo falante, essas digressões tendem a ser ruptoras do fluxo normal da conversação, no que diz respeito à continuidade tópica, e redundantes informativamente, uma vez que os elementos exteriores são

interpretados como ameaças à própria interação. Veja-se (05) abaixo. Nesse trecho, o Locutor, por estar muito preocupado com a hora de pegar suas filhas no colégio, afirma ter ultrapassado o tempo destinado à entrevista, a fim de obter do parceiro de interação a resposta quando à extensão ou não do diálogo.

(05) **Doc.:** nas grandes cidades... quais são os recursos que as autoridades competentes... têm procurado para resolver o problema dos transportes de passageiros... os recursos que as autoridades estão providenciando... aqui no Rio de Janeiro... para resolver o problema do... na hora do 'rush'? que nós só temos ônibus... e aqueles trens da Central... que estão construindo aí pra... pra...

**Loc.:** O que estão construindo... e que talvez seja para vocês... mas não pra mim... que é o metrô...

**Doc.:** metrô...

**Loc.:** que talvez seja para vocês mas não pra mim... que eu não vejo isso aí andar mesmo (sei que está na hora? não... é porque eu tenho... eu tenho hora marcada... né?)

**Doc.:** ainda não...

**Loc.:** (eu fico preocupado)... Mas por exemplo... pra melhorar o tráfego e diminuir as distâncias...

As digressões baseadas na interação não são disfuncionais, pois sua presença está condicionada a uma tentativa de incorporação dos fatos responsáveis pela ameaça à conversação, a fim de garantir o desenrolar normal da interação. Por se referirem de maneira explícita à possível quebra da interação, como o adiantar da hora em (05), os interlocutores fazem dessa ameaça um elemento negociável na transação conversacional. Frequentemente acompanhadas por mecanismos não-verbais, as digressões baseadas na interação se explicam pelo fato de as interações serem dependentes do contexto imediato, pois os interactantes são sabedores dos elementos da distração e o que faz a digressão é aquele que interpreta a ameaça como relevante. Por esse motivo, as conversações em que aparecem tais digressões mesmo assim são consideradas como eventos coerentes, o que as torna interacionalmente funcionais. Conforme apontam Dascal & Katriel (op. cit.: 86), o que *importa nesse tipo de digressão não está explicitado verbalmente porque é social, é consensual e se insere numa dimensão implícita que sustenta o encontro*. As digressões baseadas na interação visam, portanto, a impedir que fatores externos venham a



pertubar o desenrolar normal da conversação e, para tanto, incorporam ao texto conversacional referências a tais fatores.

### 3. Mas, mudando de assunto ... e os marcadores de digressões?

As digressões, sejam elas baseadas quer no enunciado, quer na interação, ou caracterizadas como seqüências de inserção, na terminologia de Dascal & Katriel (1982), não se localizam dentro de um par adjacente, mas ocorrem, em geral, a propósito de uma asserção. Assim, as 'side sequences' constituem esclarecimentos e/ou comentários sobre o asserido. Uma pergunta que se coloca no momento é a seguinte: se as digressões representam uma inserção no tópico central, através de que elementos (marcadores) elas se intercalam nos turnos em andamento na conversa?

Tomando por base os dados dos nove inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) trabalhados, constantes do projeto NURC/RJ, pude verificar que, com relação aos marcadores, há uma diferença bem nítida entre as digressões baseadas no enunciado e as seqüências de inserção, de um lado, e as digressões baseadas na interação, de outro. Enquanto as duas primeiras são caracteristicamente encabeçadas por um marcador discursivo, a última parece se inserir sem a presença clara de um iniciador de turno.

De fato, os quatro únicos casos de digressões baseadas na interação encontrados nos *corpora* não se iniciam por marcadores (cf. o exemplo (05), acima, e os exemplos (06) e (07) a seguir). Parece que esse tipo de digressão atua numa dimensão diferente, já que os elementos exteriores à conversa propriamente dita são interpretados como ameaça ao envolvimento dos parceiros. A ausência de marcador não viola qualquer regra de polidez (cf. Bernardo, 1995), uma vez que essas inserções visam a garantir o decurso natural da conversa, reafirmando ora a disponibilidade, ora o envolvimento dos interlocutores. Vejam-se os exemplos a seguir.

Em (06), a informante está preocupada com a qualidade da gravação e, por isso, acabou por incorporar isso ao texto, pois solicita do entrevistador a confirmação de que sua voz não está adequada à gravação (está um pouco baixa). Fato semelhante acontece em (07), exemplo no qual o informante atenta o documentador para a possibilidade de o gravador estar desligado e, com isso, prejudicar o inquérito. Para resolver tal problema, indaga, por meio de uma digressão, sobre o funcionamento do aparelho.

(06) **Doc.:** (...) que é que você está achando do tempo no Rio... nesse... nesse começo de verão(...)?

**Loc.:** o problema em torno do tempo é o seguinte... eh... o tempo enquanto meteorologia... (preciso falar mais alto?) o tempo... enquanto meteorologia... pro tipo de vida que eu desenvolvo... eh... normalmente... não dá muito pra perceber o tempo...

(07) **Doc.:** Quarenta minutos ((risos)) ( ) bom ( ) você podia por exemplo descrever isso aqui... esse lugar aonde você mora... né... e situar isso dentro do Rio de Janeiro... tá? Se isso ainda existe... por quê?... por que não... e outras

**Loc.:** Bom... e aí... eu vou te dizer uma coisa muito interessante... eu nasci numa rua que fica nesse mesmo quarteirão... (você já verificou se está gravando mesmo?)... Faz parte desse quarteirão... na rua Mena Barreto... uma rua ali adiante vivi toda a minha infância na rua Visconde Silva que é a continuação da rua Mena Barreto...

As digressões baseadas na interação parecem ser inserções mais diretas, não requerendo, assim, a presença formal de um iniciador, visto que constituem observações diretas ao contexto situacional, a fim de voltar logo ao assunto em pauta. Desta forma, os recursos não-verbais, ou paralingüísticos, tais como o olhar, a gesticulação e o sorriso, por exemplo, têm papel preponderante nesse tipo de digressão. Desempenham, a nível gestual-visual, função do tipo coesiva (marcador conversacional).

Diferentemente, as digressões baseadas no enunciado e as seqüências inseridas, ainda fazendo uso da terminologia de Dascal & Katriel (1982), são geralmente mais “duradouras” e introduzem um tópico que pode vir a ser central na conversa. Por esta razão, exigem, diferentemente das baseadas na interação, a presença explícita de um iniciador, de modo a fazer com que o falante não pareça “grosseiro” para com seu interlocutor, cessando/rompendo um tema em andamento.

Marcadores de seqüências inseridas tendem a situar o turno como digressivo no contexto da conversação. As digressões normalmente se intercalam nos turnos através de um iniciador discursivo, freqüentemente uma expressão de natureza adverbial, como, por exemplo, ‘antes que eu me esqueça’, ‘e por falar nisso...’ e ‘a propósito...’, entre outros<sup>2</sup>. Observem-se, no Quadro (01) a seguir, os iniciadores de tópicos digressivos encontrados em cada um dos tipos de digressões propostos por Dascal & Katriel (1982)<sup>3</sup>.

iniciadores/tipos de digressões	quase-digressão	baseadas na interação	seqüências de inserção	total
ah!	1	-	-	1
aliás,	2	-	-	2
antes que eu me esqueça...	-	-	1	1
a propósito	-	4	2	6
bom você falar nisso, pois...	-	1	-	1
com relação a isso ...	-	1	-	1
como você tocou nisso ...	-	1	-	1
e por falar nisso ...	-	2	1	3
isso me lembra/recorda ...	-	1	-	1
melhor eu explicar direito	1	-	-	1
mudando um pouco de assunto ...	-	1	-	1
não querendo te cortar ...	-	2	-	2
quer dizer	3	-	-	3
vou fazer um parêntese breve para ...	-	-	1	1
TOTAL DE DIGRESSÕES	7	13	5	25

*Quadro (01): Iniciadores de digressão encontrados no corpus.*

Os iniciadores de quase-digressões têm a função de introduzir exemplos, explicações e especificações que auxiliam o ouvinte a compreender os enunciados do falante, conforme pode ser constatado no exemplo (03), no qual se introduz relação de analogia e, posteriormente, de generalização. A digressão do texto (03) – encabeçada por ‘quer dizer’ – constitui expansões de tópico não muito necessária para o desenvolvimento do tema principal anteriormente em foco, conforme frisei na seção 2. Já os iniciadores de seqüências inseridas, como ‘antes que eu me esqueça’ e ‘vou fazer um parêntese breve para ...’, por exemplo, funcionam como elementos que introduzem correção ou esclarecimento de pontos relevantes para a construção de sentido da conversa, conforme observei por meio do exemplo (04) – encabeçado por ‘a propósito’ – em que o informante estabelece um confronto, por comparação, entre os *nouveau riche* de duas grandes metrópoles: Tóquio e Rio de Janeiro. Essa comparação é ponto relevante da conversa, dado que, por meio dela, que pode ser considerada exemplificação, a coerência vai-se processando.

Os iniciadores de digressões baseadas no enunciado, ao retomarem, direta ou indiretamente, um elemento do turno a ele precedente, introduzem um novo conjunto de relevâncias para o desenrolar do tópico central da conversa e inserem digressões que potencialmente podem ocupar a posição de tópico central. Entre os mais encontrados no *corpus*, estão ‘não querendo te cortar...’, ‘mudando um pouco de assunto’, ‘bom você falar nisso, pois...’. São, no geral, os marcadores mais “polidos” (cf. Bernardo, 1995) do *corpus* exatamente por ameaçarem a continuidade do assunto em pauta na conversa.

#### 4. Mas, voltando ao assunto ... as digressões tornam a conversa incoerente?

Conforme mostra Marcuschi (1986), a conversação é uma atividade do co-produção discursiva, em que os tópicos são desenvolvidos por, pelo menos, duas pessoas, em turnos alternados, de modo que não se pode fazer recair a coerência somente nas produções individuais, já que a conversação é uma interação centrada. Como aponta Marcuschi (op. cit.: 77), *uma conversação fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade*. Desta forma, se nas digressões há uma suspensão de turnos, segundo o esquema A/B/A, ela caracteriza a conversa como incoerente?

Ao que parece, as conversas contendo digressões, como as apresentadas neste artigo, são experienciadas pelos interlocutores como eventos coerentes, tendo papéis definidos tanto na regulamentação, quanto na sustentação do texto conversacional. Dessa maneira, as digressões não são vistas como “pastiches verbais”, mas contribuem para a conversação, exercendo, pois, papel relevante do ponto de vista interacional.

Além disso, os marcadores de tópicos digressivos não funcionam apenas para indicar uma digressão, mas também para mostrar que aquela passagem deve ser notada porque tem razão de ser, uma vez que desempenha funções específicas no evento da conversação. Koch et alii (1992) postulam que a organização tópica se dá em dois níveis interligados: (a) o linear e (b) o hierárquico. Mostram, ainda, que alguns *segmentos que, no nível linear, são sentidos como digressivos, vêm a integrar-se no nível vertical em um grande tópico hierarquicamente superior, dentro do qual deixam de ser digressivos, de modo que a coerência se reconstrói à medida que se sobe na hierarquia tópica* (Koch et alii, op. cit.: 368). De fato, as digressões muitas vezes chegam a ser elevadas, no desenrolar da

conversação, a verdadeiros tópicos centrais. Vinte dos vinte e nove tópicos digressivos encontrados no *corpus* (ou seja, 70%) foram retomados posteriormente, atingindo o estatuto de assunto central no fluxo da conversa. Conforme se observa no Gráfico (01) a seguir, as digressões baseadas no enunciado foram, quase categoricamente, retomadas no todo conversacional. Seguem-se a ela, em ordem decrescente de retomada, as quase-digressões e as seqüência de inserção, na terminologia de Dascal & Katriel (op. cit.). As digressões baseadas na interação, em decorrência de sua própria natureza contextual, em geral não são retomadas no discurso. Observem-se os resultados.

Índices de retomada em cada tipo de digressão

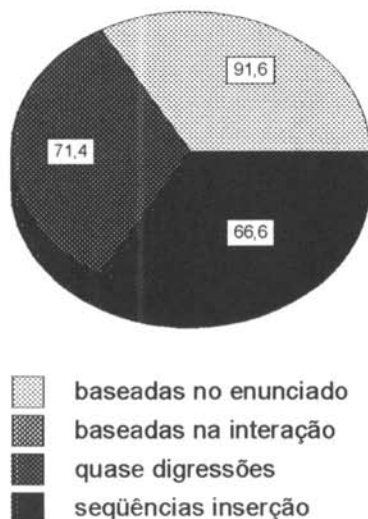


Gráfico (01): Índices de retomada de tópicos digressivos no fluxo da conversação.

Os dados apresentados no Gráfico (01) comprovam que as digressões, posto que constantemente retomadas no curso normal na interação discursiva, na verdade possuem relevância tópica e, por isso, não devem ser consideradas apenas como elementos disfuncionais, responsáveis pela descontinuidade do texto oral dialogado, conforme defendeu Halber (1989).

Segundo Marcuschi (no prelo), as mudanças tópicas constituem frequentemente uma solução para um problema de transferência de turnos mal sucedidos, permitindo, desse modo, (a) manter a fluência da conversação e (b) servir como resposta a desacordos ou a desatenções de vários tipos por parte do interlocutor. Tomando por base essas indicações de Marcuschi (op. cit.), pode-se dizer que as digressões, por sua própria natureza parentética, fazem parte de uma estratégia comunicativa que contribui para o prosseguimento da conversação e, conseqüentemente, para o estabelecimento da coerência.

Pode-se concluir, portanto, que as digressões não só tornam o texto conversacional coerente, como também desempenham papel relevante na própria construção da coerência. Assim, mesmo envolvendo inserção de um tópico relativamente independente para o enunciado imediatamente antecedente ou subsequente, as digressões auxiliam na construção da coerência, uma vez que o tópico da conversação, como aponta Maynard (1980), é dinâmico: sofre constantes alterações e deslocamentos, construindo-se no curso do próprio envolvimento sócio-interacional. Nesse sentido, as chamadas “seqüenciais inseridas” (Schegloff, 1979), embora não o sejam topicamente, são pragmática e semanticamente relevantes para os enunciados imediatamente antecedentes ou subsequentes a elas, no fluxo do discurso oral dialogado.

#### **ABSTRACT**

In this paper, I analyse the effect of digressions in conversational coherence. For this, I intend to show how these “side sequences” modify the local organization of conversation in order to list the main markers of a digressive topic.

---

#### **NOTAS**

- 1 Artificio utilizado nas transcrições de conversas. Neste artigo, as digressões exemplificadas ficarão delimitadas por parênteses.
- 2 Interessante observar que, além de se introduzirem por um iniciador, as digressões frequentemente são “fechadas” por um sinalizador, frequentemente uma expressão adverbial, como, por exemplo, “voltando ao assunto”, “mas” e “retomando a conversa”, entre outros, o que evidencia o caráter parentético de um tópico digressivo. Mas voltemos ao texto.
- 3 Gostaria de ressaltar a importância dos elementos prosódicos na delimitação de um evento digressivo. Mesmo quando nenhum marcador formal aparece, as seqüências inseridas são, via de regra, sinalizadas

pela tessitura (cf. Gonçalves, 1996). O “Crescendo” da voz (elevação na frequência fundamental) introduz a digressão e o “descrecendo” (queda acentuada de F0) assinala que a digressão terá seu fim. Além disso, vale ressaltar que as digressões caracterizam-se por um ritmo diferente do normal, dado que as sílabas tendem a ser isócronas. Nesses casos, também ganha destaque a “velocidade de enunciação” (outro fato prosódico), dado que as digressões são pronunciadas de forma mais acelerada que o restante do enunciado. Está aí um tema interessante para investigações futuras.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNÁRDEZ, E. *Introducción a la Lingüística del Texto*. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.
- BERNARDO, S. P. *Planos discursivos na conversa informal*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo, 1995.
- BROWN, G. & YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CALLOU, D. I & LOPES, C. R. S. *A linguagem falada culta na Cidade do Rio de Janeiro; materiais para o seu estudo (Diálogo entre dois informantes)*. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES/Pós-Graduação da Faculdade de Letras, 1993.
- \_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *A linguagem culta falada na cidade do Rio de Janeiro; materiais para o seu estudo (Diálogo entre informante e documentador)*. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES/Pós-graduação da Faculdade de Letras, 1994.
- DASCAL, M. & KATRIEL, T. Digressions: a study in conversational coherence. *PTL*, 4 (8): 78-95, 1982.
- GONÇALVES, C. A. V. Padrões entonacionais da ênfase contrastiva. *Anais do V Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ASSEL-Rio, (1): 312-20, 1996.
- GRICE, J. Lógica e conversação. In: DASCAL, M.(org.). *Fundamentos metodológicos da Lingüística pragmática*. Campinas: UNICAMP, vol. 4, 1975.
- GREEN, G. *Pragmatics and natural language understanding*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992.
- HALBER, M. *Coerência na conversação*. Comunicação apresentada no XXXV Seminário do GEL. Bauru: UNESP, 8 p. mimeo, 1989.

- KOCH, I. G. V. et alii. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. vol. 2 níveis de análise linguística. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 357-440, 1992.
- KOCH, I.G.V. A propósito, existem mesmo digressões? *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: EDUC, (19): 123-6, 1990.
- LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MAYNARD, D. W. Placement of topic changes in conversation. *Semiótica*, 30: 263-90, 1980.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_ (no prelo). *Coesão e coerência na conversação*. Inédito.
- MEY, J. L. *Pragmatics: an introduction*. Oxford: Basil Blackwell, 1993.
- ROSA, M. de M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SCHEGLOFF, E. E. The relevance of reppair to syntax-for-conversation. In: Givón, T (ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 12 : 261-85, 1979.
- SPERBER, W. & WILSON, W. *Relevance*. Oxford: Basil Blackwell, 1985.